

UMA LEITURA DOS SUBALTERNOS DO ROMANCE *MACAU*

Maria Aparecida de Almeida Rego (UFRN)

Resumo: Este estudo analisa alguns aspectos do romance *Macau* (1934) do ficcionista brasileiro Aurélio Pinheiro, situado no espaço urbano de uma cidade interiorana (Macau) no contexto do início do século XX no Brasil. Como cidade litorânea, a extração de sal é a atividade econômica de maior desenvolvimento em Macau. A leitura recai sobre a trajetória de personagens que compõem as margens desse sistema econômico, tradicionalista e preconceituoso, por exemplo, as criadas, as mulheres submissas e o negro, dentre outros agentes que não tiveram reconhecimento social e foram vistos, durante muito tempo, como desgraças, comprometendo o avanço da nação. Destaca-se como aporte teórico Benjamin (1985), Candido (1976) e Spivak (2010), cujos estudos vislumbram a possibilidade de leitura de uma literatura representando uma realidade social que, na relação entre centro e periferia, promove o silenciamento de algumas vozes. Analisa-se a relação da cidade com as margens dos que ficam submersos à beira de um sistema sem saída que, representado no romance, demonstra a permanência de traços de uma escravidão de raça, pela subserviência.

Palavras-chave: Romance de 30. Romance *Macau*. Personagens Subalternos.

Abstract: This study Analysis of some aspects of the novel *Macau* (1934) of the Brazilian novelist Aurelio Pinheiro, located in the urban area of a provincial town (Macau) in the context of early twentieth century in Brazil. As a seaside town, the salt extraction is the economic activity further development in Macau. The reading is on the trajectory characters that make up the margins of this economic system, traditionalist and prejudiced, for example, the serventes, submissive women and African Brazilians, among other aspects who have not had social recognition and were seen for a long time, as misfortunes, compromising the nation's advancement. Stands out as Theoretical contribution Benjamin (1985), Candido (1976) and Spivak (2010), the studies envision the possibility of reading a literature representing a social situation that, relationship between center and periphery, promotes silencing some voices. The study also analyzes the city's relationship with the edges of which are submerged at the edge of a system dead end, represented in the novel demonstrates the traits of permanence of a slavery race, by the subservience.

KEY-WORDS: 1930's novel, Novel *Macau*, characters subaltern.

1. Introdução

Os grupos marginalizados da sociedade brasileira sempre estiveram presentes na literatura através de personagens que representam pobreza, exclusão social, econômica, cultural, além da exclusão de raça. Um exemplo dessa constatação é o volume *Os pobres na Literatura Brasileira* (1983), organizado por Roberto Schwarz. Essa coletânea apresenta mais de três dezenas de ensaios que dão conta do percurso que vai de Gregório de Mattos à produção literária dos anos de 1980. Podemos pensar que muitos daqueles escritores estudados falavam em nome dos marginalizados, por muitas vezes falarem a partir de classe social diferente das que retratavam, à exceção do escritor Lima Barreto, que viveu em condições degradantes.

No ensaio “Autor como produtor”, o teórico Walter Benjamin apresenta a literatura como uma estratégia de ação que o escritor faz uso para escrever sobre determinados grupos. Benjamin afirma, quanto à autonomia do escritor, que “a situação social contemporânea o força a decidir a favor de que causa colocará sua atividade” (BENJAMIN, 1985, p. 120).

Nesse sentido, o romancista de *Macau* (1934) se apodera de motivos locais (a cidade Macau) para estruturar a teia narrativa que constitui representações da cultura brasileira e dos conflitos sociais nela apresentadas, consideradas, de certo modo, nacionais, como por exemplo, a política dos coronéis e a industrialização. Logo no início, apresenta uma das tensões vivenciadas pelo protagonista, decorrentes de frustrações pessoais e fracassos financeiros:

— Justamente hoje estou nervoso, e a hipocrisia desse povo que esteve aqui aborreceu-me ainda mais. Em Natal disseram-me que eu procurasse aproximar-me do Oliveira.
[...] É estúpido! É cruel! Tenho repugnância desse homem. E sou forçado a bater-lhe à porta, a sorrir, a recalcar os escrúpulos. [...] Que poderá fazer um advogado oposicionista numa terra em que não há oposição, nem civismo, nem dignidade, nem vergonha, dominada há mais de vinte anos por uma família? (p. 78) ¹.

¹ A partir desse ponto, a primeira citação do romance *Macau*, todos os demais fragmentos citados da obra serão identificados apenas pelo número de página, correspondente à edição: PINHEIRO, Aurélio. *Macau*. Natal: EDUFRN, 2000.

REGO, M. A. A. Uma leitura dos subalternos...

Este fragmento textual situa a chegada da personagem Aluísio a Macau, onde irá residir e exercer a função de Promotor. Aluísio vive um impasse no início do romance, uma crise de consciência moral (por se sentir responsável pela falência da família): ir à busca de sua felicidade e sucesso profissional em outras terras, o que significaria deixar a família cada vez mais arruinada, ou ficar, reerguer a família, entretanto, submeter-se às vontades do chefe político. A sensação de impotência e de impasse vivenciada por Aluísio corresponde à consequência da frustração pessoal, vista de início como fracassado. Essa visão do fracasso constitui-se como uma das preferências dos romancistas desse período e daí “vem a particularidade do realismo praticado pelo romance de 30 em relação ao realismo do século XIX” (BUENO, 2006, p. 77).

Em certa consonância com o discurso citado de Walter Benjamin, a crítica literária Gayatri Spivak, no ensaio *Pode o subalterno falar?* (2010) argumenta que é necessário o intelectual dar espaço à voz do outro, criar possibilidades para o subalterno falar, caso contrário mantêm-se as estruturas de poder e de opressão.

Spivak (2010, p. 14) define o subalterno como aquele cuja voz não pode ser ouvida. Portanto, para a escritora, “não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar ‘contra’ a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido”.

É nesse contexto que o presente trabalho vem apresentar como se articulam alguns personagens que compõem os grupos sociais marginalizados do romance *Macau* em um contexto de submissão social, fruto de uma concepção hegemônica do poder.

2. Alguns subalternos em *Macau*

O romance *Macau* apresenta a cidade de Macau/RN e a rotina de seus habitantes, por meio de um narrador que relata os fatos sem participar da história. Em princípio, a ficção delinea a viagem do jovem macauense Aluísio, recém-formado em Direito, no Recife, de volta à sua terra natal, onde irá exercer a profissão, inicialmente, submetendo-se aos jogos políticos do sistema vigente. O leitor, logo de início, tem ciência do estilo de vida que o jovem estudante adotava durante os anos da faculdade (apresentando-se como um semideus, esbanjando a fortuna a família nas farras e

REGO, M. A. A. Uma leitura dos subalternos...

mostrando-se arrogante); de umas férias vividas em Macau, além de tomar conhecimento da falência financeira do pai, Coronel Edmundo Rodrigues, ex-dono de manadas incontáveis de gado e de montanhas de sal. A narrativa mostra ao leitor a mudança de comportamento de Aluísio que, mesmo contra seus princípios, se submete às vilezas da política macauense para conseguir trabalho na tentativa de reerguer a família. Nesse sentido, o narrador apresenta o primeiro conflito interno vivenciado pelo personagem.

O enredo é todo marcado por intrigas pessoais e políticas, jogos de interesses e favoritismo fruto do coronelismo sob o qual vivem as principais personalidades da cidade, inclusive o promotor, função exercida por Aluísio. O narrador, em alguns momentos, dá uma pausa no enredo principal para que o leitor tome conhecimento da trajetória de alguns personagens, motivos das ações apresentadas no enredo principal, evitando assim que o leitor tome partido ou faça pré-julgamentos.

Uma das falas que chamou nossa atenção diz respeito à concepção de formação do povo brasileiro apresentada pelo bacharel Aluísio (protagonista do romance). Embora discorde da política coronelista, mas por ter sua formação no berço da aristocracia rural, em conversa com Oliveira (chefe político) Aluísio afirma que “[...] o português deixou-nos uma desgraça — a palestra. O africano, uma desgraça maior — a cor. O índio, a suprema desgraça — a indolência. Não sei qual é pior!” (p. 87). Oliveira concorda e diz que a pior das desgraças é a indolência. Isso, possivelmente, confirma a concepção do colonizador/aristocrata que não encontrando no índio mão de obra, escraviza o negro nas lavouras e nos engenhos. Ou seja, o índio não teria contribuído para o sistema de produtividade do capitalismo. Esse diálogo confirma o quanto os negros e índios foram marginalizados.

Sobre esse pensamento, Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 48) afirma, em *Raízes do Brasil*, que os índios “dificilmente se acomodavam, porém, ao trabalho acurado e metódico que exige a exploração dos canaviais. Sua tendência espontânea era para atividades menos sedentárias e que pudessem exercer-se sem regularidade forçada e sem vigilância e fiscalização de estranhos”.

Com esta problematização gerada pela voz das personagens do romance e pelo discurso teórico sobre o processo formativo brasileiro, apresentamos algumas relações de subserviência presentes no romance em questão.

REGO, M. A. A. Uma leitura dos subalternos...

O caso da personagem Oliveira, chefe político, nas suas relações com as mulatas do Porto do Roçado, um subúrbio da cidade de Macau. Esse chefe político mantém dois espaços de moradia: uma casa no centro da cidade e um chalé no Porto do Roçado. A casa da cidade é o espaço legítimo para as perversões políticas e para a reprodução do poder e dominação. O chalé, totalmente destoante em relação às demais moradias (barracas de palha) do Porto do Roçado, com ostentação, é o espaço das perversões libidinosas – reprodução de poder sobre as mulatas:

[...] às areias e aos casebres do Porto do Roçado, onde mulheres, homens, crianças, numa faina ativa, enchiam nas cacimbas os barris d'água, que iam rolando pelos caminhos em direção à cidade. Das casas de palha, dispersas pelas baixadas dos morros, vinham gritos roucos de homens, choros de crianças, cantigas de mulheres – toda a algazarra do despertar de um enorme cortiço. Aqui e ali, reses magras aparavam alguma erva perdida, caminhando vagarosamente para os mangues de Umburanas ou para as pastagens agrestes de Conceição. Cabritos novos pinoteavam nos montes de areia. E espalhados por toda aquela aridez de dunas e alagadiços, apareciam, distanciados e tristes, mofumbos de folhas verde-claras e flores amarelas como pequenos cálices pendidos.

[...]

Mesmo de longe adivinhava-se no esquisito chalé o conforto, a vaidade e o sossego feliz de algum sibarita extravagante que pretendesse espantar os homens com uma originalidade sensacional e fácil. (p. 81-82).

O subúrbio do Porto do Roçado era um espaço de moradia menos agradável, alto número populacional, ausência de higienização e urbanização. Percebe-se, portanto, que apesar de Macau ser uma cidade litorânea e ter como uma das principais atividades econômicas a indústria do sal, havia pobreza e desigualdade social. Nesse ambiente, destaca-se a singularidade de Oliveira:

E ali vivia como um sultão irresponsável num serralho alegre de mulatinhas arrebanhadas nos quintais e nos arredores, escolhidas com a sua aguda perícia de trinta anos de libidinagem. Nada lhe faltava, e percorria tranquilamente a escala de todo sensualismo que ainda lhe fremia no sangue aos cinquenta anos. [...] nada o atingia. [...] Dar uma esmola ou prostituir uma moça era para ele atos humanos, simples, naturais, que não lhe perturbavam o sono e o apetite (p. 83).

Assim, Oliveira exerce poder simbólico sobre as mulatas, poder invisível que depende da cumplicidade daqueles que estão sujeitos. Bourdieu (2000, p. 11), ao discorrer sobre o poder simbólico, afirma:

[...] os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumento de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”.

Historicamente, as mulatas representaram símbolo de objeto de desejo como se sua existência estivesse apenas no plano do amoral, da desordem. Elas são representadas como “mulher instinto” para ser amada, entretanto, sem deveres e compromissos. De certa forma, a postura do representante do poder político de Macau contribui para a continuidade da escravidão, uma vez que os senhores de escravos tinham as mulatas como fonte de realização de seus desejos carniais, sem nenhum pudor.

De um modo geral, a mulher aparece, em *Macau*, ainda dentro de um quadro tradicional. As Souzas são solteironas, donas de casa, trabalham nas atividades domésticas e o que se sabe a respeito delas é que, durante a juventude, exigiam qualidades demais em seus pretendentes e não estavam dispostas a casar em qualquer circunstância. O tempo foi passando, as opções diminuindo e não restou alternativa a não ser se conformarem com a solteirice que as tornam figuras marginalizadas socialmente. É a essa marginalização que D. Angelina escapa quando, depois da decepção amorosa com o bacharel Lourenço, resolve casar-se com o Joaquim Caetano, mesmo sem interesse afetivo por parte dela.

A não submissão ao casamento, por parte das Souzas, não é por atitudes de consciência plena de feminismo, porque ao mesmo tempo criticavam Vivica por já ter namorado vários rapazes. Ainda assim, as atitudes de D. Fefinha, no final do romance, apresentam uma perspectiva de mudança, pois consegue fazer de sua casa um centro político-social que vem a contribuir para a resolução dos conflitos das pessoas.

Em tal contexto, D. Angelina é conhecida na trama por sua língua ferina. Até os 15 anos, viveu na obscuridade próximo ao Porto do Roçado, na Rua do Boi Choco, “afastada do centro, ignorada, perdida entre a Lagoa e o Porto do Roçado, como um vil sobejo da cidade” (p. 115).

Na adolescência, Angelina fez o pai comprar uma casa no Largo da Conceição, no centro da cidade, para se sentir pertencente socialmente à classe dos dominantes. Essa necessidade de mudança revela o desejo de evitar a segregação e, ao mesmo tempo, denuncia a estratificação social presente em Macau (porque não, de toda a

Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 9, jan./jun. 2014

REGO, M. A. A. Uma leitura dos subalternos...

sociedade brasileira), uma vez que o espaço geográfico onde o sujeito habita representa indícios da classe social que pertence. Entretanto, apesar de mudar de moradia, Angelina continua presa às suas origens pela falta de oportunidade, fruto da desigualdade social². Nesse contexto, os dominantes eram a aristocracia rural e a indústria salineira.

Com o desejo de pertencer à classe dominante e ao mesmo tempo com o sentimento de frustração por não conseguir, Angelina reproduz a concepção conservadora e tradicionalista da classe social mais elevada. Revela-se uma falsa moralista, sente-se melhor ao mostrar os defeitos dos outros e tem como alvo as pessoas de seu desafeto, seu marido Joaquim Caetano e a criada Tereza. Esta criatura indefesa estava na companhia de Angelina desde criança e recebia frequentemente os destratos verbais e físicos de sua patroa que a tinha com um objeto:

D. Angelina seguia os movimentos da criada, e vendo-a de pé, junto ao móvel, esperando humildemente alguma ordem, falou ríspida e breve:

— Retire-se; não seja abelhuda.

A pequena obedecia, deixava a sala de jantar, atemorizada, sob as invectivas da sua terrível patroa:

— Porca! Tu ainda hás de te arrepender da tua curiosidade, e da porcária, e do relaxamento! Deixa estar!

Joaquim Caetano baixava a cabeça para o seu prato, silencioso, deixando passar a saravada (p. 118-119).

Angelina batia na criada e jurava horríveis desforras³. No contexto da publicação do romance, temos pouco mais de meio século do fim oficial da escravidão no Brasil, o que não representa o fim na prática, pois em pleno século XXI ainda nos deparamos situações explícitas de preconceito racial. A consciência de Angelina é igualmente fruto da sociedade escravista e desigual.

Quando Angelina fica enferma, há um processo de desmudamento da criada que passa a dialogar com Joaquim Caetano sobre os afazeres domésticos, ação proibida

² Na literatura brasileira, podemos encontrar outros exemplos de personagens que não se reconhecem pertencentes a um grupo e vivem conflitos psicológicos. Como exemplificação, o personagem Tião da peça teatral *Eles não usam black-tie* (1958), de Gianfrancesco Guarnieri. Esse operário, que mora em uma favela no Rio de Janeiro, sonha um dia em pertencer à classe do patrão e ir morar na cidade, ou seja, em um espaço reconhecido socialmente. Para isso está disposto a trair sua classe, aceitar acordo do patrão e furar uma greve, porém o que ganha em troca é a rejeição da família e dos amigos.

³ Essa crueldade nos remete ao conto *Negrinha* (1920) de Monteiro Lobato que retrata as maldades de D. Inácia, “era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos [...] nunca se afizera ao regime novo” (LOBATO, 2008, p. 21).

REGO, M. A. A. Uma leitura dos subalternos...

pela patroa. Mesmo assim Tereza não possui voz ativa e nem sabe como sair dessa passividade, pois tem medo de que com a morte da patroa ela fique no mundo sem ninguém: “– Não tenho por mim; nem pai, nem mãe, nem irmãos. Ela era má, castigava-me, maltratava-me. Mas criou-me; era a única pessoa que eu tinha no mundo. Ela morrendo, para onde irei? Por aí a sofrer, na casa dos outros” (p. 244).

Como se percebe, a partir do pequeno corpus selecionado para esta leitura, o leitor acompanha histórias internas à principal, pequenas narrativas capazes de dar conta da trajetória de alguns personagens. Nem mesmo os personagens ditos secundários escapam da trama montada pelo ficcionista. À medida que o enredo se desdobra, o narrador descreve as paisagens, os lugares da cidade, as regiões salineiras, a instalação de empresas e laboratório químico, alguns aspectos de desenvolvimento urbano e das questões sociais, a exemplo: escândalos pessoais em que os personagens estão envolvidos, queda do rábula, desmascaramento de D. Angelina e do rábula, ruptura do promotor com o chefe político, queda do chefe político e nova ordem política em Macau, dentre outros.

De modo geral, o que percebemos em *Macau* é certa conformidade das mulheres em aceitarem os papéis sociais que lhes são atribuídos, um exemplo disso é a submissão de D. Maria, esposa do rábula, que silenciosamente aceita os maus-tratos do marido. Isso se deve, possivelmente, a indefinição dos papéis femininos ainda na década de 1930.

3. Macau e o romance de 30

A produção literária brasileira na década de 1930 destaca-se pela grande quantidade de romances publicados em várias regiões do país. São inúmeros os estudos que se dedicam a compreender essa década de tantas agitações, como também é desse período algumas obras fundamentais na busca para entender o Brasil desde suas origens, a citar *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda e *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre.

O pesquisador Luís Bueno, no estudo *Uma história do romance de 30* (2006), apresenta uma leitura de um amplo número de obras publicadas na referida década, a partir de uma perspectiva histórica e estética. Para Bueno, “o romance social ou

REGO, M. A. A. Uma leitura dos subalternos...

proletário foi quantitativamente dominante na década” (2006, p. 15) e mesmo as obras que não foram mencionadas no estudo contribuíram para compreender, por exemplo, os problemas gerais da década e da produção literária nas diversas regiões do país. Quanto a isso, o estudo reafirma a formulação de Antonio Candido ainda em *Formação da Literatura Brasileira* (2012, p. 434), de que a produção da prosa brasileira foi essencialmente empenhada:

O desenvolvimento do romance brasileiro, de Macedo a Jorge Amado, mostra quanto a nossa literatura tem sido consciente de sua aplicação social e responsabilidade na construção de uma cultura, [...] de um senso de missão [...]. A vocação pública, o senso de dever literários não bastam, de vez que o próprio alcance social de uma obra é decidido pela sua densidade artística e a receptividade que desperta em certos meios.

Percebemos também que uma das preocupações do intelectual brasileiro desse momento era falar do outro — representação do sofrimento humano em suas determinantes sociais. Esses escritores tiveram sua importância porque “fizeram o esforço de olhar para além dos limites de sua própria classe e integraram à cultura letrada brasileira elementos até aquele momento tidos como bastardos ou nitidamente inferiores” (BUENO, 2006, p. 270),

O romance de trinta do século passado, em grande parte, representou a figura do fracassado e do excluído, como uma maneira de representar a relação deslocada dos filhos de senhores de engenho, de representar os operários, vítimas da exploração do capital e, até mesmo das mulheres predestinadas a aceitarem determinados papéis sociais, como de dona de casa, de prostitua, de solteirona ou a negra (também com as derivações de mulata, vista como objeto de desejo).

Macau se aproxima de alguns aspectos desenvolvidos em outros romances da década, tais como apresentar uma renovação política e complexidade interior em alguns personagens, a citar Alúcio. Verifica-se, então, o quanto a trama apresentada em *Macau* está em consonância com os processos de desenvolvimento brasileiro ocorridos nas primeiras décadas do século XX e como o narrador descreve a configuração modernizante na cidade. Forma-se uma teia ficcional em que personagens interagem, revelando os conflitos entre o ritmo de vida provinciano e o ritmo de vida de um espaço em processo de modernização.

REGO, M. A. A. Uma leitura dos subalternos...

Nesse sentido, ao acompanharmos a trajetória de Aluísio — tempos áureos na universidade, volta para Macau submetendo-se a política local e a libertação ao abandonar o cargo —, o romance em análise encaminha para uma perspectiva otimista, talvez, uma tentativa de representar a superação da organização social vigente na República ou uma mudança nas decisões políticas e sociais da cidade, quando apresenta alguns desmascaramentos, por exemplo, de D. Angelina quando ela tenta, a partir do protecionismo político, prejudicar Aluísio; do rábula Teotônio ao não conseguir mais driblar os bacharéis; do Chefe Político Oliveira por ser derrotado nas eleições (“não seria Macau a primeira queda de um chefe político!” (p. 208)). Neste sentido, Aurélio Pinheiro apresenta em *Macau* a falência de um modelo de organização social brasileira, tanto o coronelato quanto a política por indicação.

4. Considerações finais

Verifica-se que o romance *Macau* se apodera de motivos sociais locais para estruturar a teia narrativa que constitui representações da cultura brasileira e dos conflitos sociais nele apresentados, considerados, de certo modo, universais. O romancista apresenta uma obra significativa, inserida no contexto das primeiras décadas do século XX da literatura brasileira. Esse romance referido e os demais de autoria de Aurélio Pinheiro mantêm uma linha de interesses pelo homem como ser entranhado em complexas relações sociais.

Em *Macau* há a linguagem dos dominantes e dos dominados, porém os dominados estão imersos ao sistema ideológico dos dominantes, alimentando-o, reproduzindo-o, quando não silenciando.

Além da pobreza material de Angelina e de outras personagens (Teotônio, por exemplo), reside nela uma pobreza espiritual que impedem o alcance da liberdade interior e a libertação da ideologia dominante. Não há, portanto, condições de os subalternos se reconhecerem em seus grupos sociais. Mas, o desejo desses marginalizados é ter voz, serem ouvidos, o que representaria uma utopia de mudança social.

REFERÊNCIAS

Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 9, jan./jun. 2014

REGO, M. A. A. Uma leitura dos subalternos...

BENJAMIN, Walter. Autor como produtor. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 3ª. Ed. Rio de Janeiro, 2000.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 26ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2008.

PINHEIRO, Aurélio Waldemiro. *Macau*. Natal: Edufrn, 2000.

SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.